

# A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA GERAÇÃO VELHICE NA LITERATURA DE CORDEL

Autoras: Iona Batista Felix \*  
Hortência Lianna da Silva  
Rafaela Mayara B. Costa

## RESUMO

Este trabalho, intitulado A construção da identidade da geração velhice na literatura de cordel, examina as manifestações de preconceito em relação à velhice no imaginário de cordel, uma vez que descobrir a realidade, por caminhos diferentes, é um modo de estar no mundo, criando espaços, elaborados e construídos com fins específicos. O corpus da pesquisa será constituído por 13 (treze) folhetos que retratam o velhicismo, seja ele implícito ou explicitamente. Busca-se através de uma perspectiva interdisciplinar, destacar o preconceito, a exclusão, a cidadania, a identidade, a ética, etc. sintonizados com a ideologia dos poetas, no que se refere ao Velhicismo. A literatura, associada à cultura, permite a articulação das práticas discursivas, no tecido do real, sob os auspícios de “visões de mundo” diferenciadas.

Palavras-Chave: Literatura de cordel; Velhice; Identidade.

## Introdução

Os escritos literários não só reproduzem os acontecimentos e os costumes de uma determinada época, como também exercem uma grande influência sobre ela e sobre as gerações vindouras. A literatura de cordel não foge desta caracterização, o poeta cordelista faz uso de uma grande variedade de temas que refletem seu modo de ver a vida e estar no mundo. Um destes temas desenvolvidos e que serve de base para este estudo é o Velhicismo que, de acordo com Giddens (2005, p.577) é a “discriminação ou preconceito contra uma pessoa com base na idade”.

A posição dos velhos dentro da sociedade passou por um declínio ao longo do tempo. ‘Na Antigüidade era exigido ter no mínimo 60 anos para poder assumir cargos de destaque dentro da sociedade, a maturidade era sinônimo de sabedoria. Já nos dias de hoje, as pessoas estão cada vez mais interessadas em manterem-se jovens e saudáveis, retardando ao máximo os sinais de envelhecimento. Nega-se a velhice como uma fase natural da vida, segundo Mascaro (2004, p. 63), “O temor que mesmo os jovens têm ao pensar que um dia vão envelhecer pode traduzir o receio de viver no futuro uma vida sofrida, solitária e dependente”.

Além de examinar as manifestações de preconceito dos poetas de cordel em relação aos velhos, a partir do final do século XIX, busca-se também observar nos folhetos selecionados os testemunhos relacionados à cidadania e a identidade da geração velhice de forma preconceituosa e se este tipo de preconceito tende a aumentar ou diminuir.

---

\* Universidade Estadual da Paraíba / CNPq

## 1.0 **Fundamentação teórica**

### 1.1 **Culturas um conceito plural**

A evolução sócio-cultural é um processo vertiginoso em todas as áreas, é para nós um desafio acompanhá-lo, nos inteirar de todos os acontecimentos ao nosso redor. Ao longo desse processo muitos estudiosos, por meio de suas pesquisas, contribuíram para ampliação do conceito de cultura. Ainda que este termo possua significados distintos de acordo com o contexto, todos esses significados, porém, apontam para uma mesma direção: o relacionamento com as diferenças.

Cultura designará o modo de relacionamento com o real, com a possibilidade do sentido de esvaziar paradigmas de estabilidade do sentido, de abolir a universalização das verdades, de indeterminar insinuando novas regras para o jogo humano. (SODRÊ, 1988, p.10).

A cultura tem um caráter plural, uma vez que surge das relações híbridas entre classes, etnias e nações. A cultura brasileira, a grosso modo é bifurcada em cultura de elite, tomada como a oficial, como o padrão a ser seguido, e em cultura de massa ou cultura popular, por possuir valores e símbolos “diferentes”. Esta forma de cultura é renegada pela cultura elitizada, ainda que seus direitos sejam comprovados pelo multiculturalismo, como afirma Kuper (2002, p.296). “Todo grupo cultural deve ter direito a um nível significativo de autonomia e ser ouvido nos assuntos de interesse coletivo”. Apesar de ser reprimida pela “alta cultura”, a cultura popular não deve ser vista como inferior e sim como o veículo usado pelas classes e grupos subordinados para expressarem seus valores e interesses.

A cultura popular é um dos espaços onde ocorre a luta a favor e contra uma cultura dos poderosos: é também um jogo a ser ganho ou perdido nesta luta. É a arena de consentimento e resistência. É parcialmente onde a hegemonia surge e é assegurada. (HALL, 1981 apud ESCOSTEGUY, 2001, p.117).

A cultura também é o lugar onde cada indivíduo constrói sua identidade, essa construção se dá primeiro individualmente e é afirmada no convívio com os demais membros da sociedade, esse posicionamento pode ser confirmado em Kuper (2002, p.298) quando ele diz: “Mas identidade não é apenas um assunto pessoal. Ela precisa ser vivida no mundo, num diálogo com os outros”. Ou seja, a integração social condiciona a identidade cultural dos indivíduos, é a sociedade que cria os padrões comportamentais, as ideologias, a moda, as regras de convivência, enfim todos os elementos que irão inferir na construção de cada identidade surgem do convívio entre membros de um determinado grupo e/ou vários grupos.

## **1.2 A literatura de cordel**

O folheto de cordel como forma de manifestação da cultura popular constitui uma riquíssima “variedade” de literatura. Era inicialmente chamado apenas de “folheto” e passou a ser denominado de literatura de cordel, mesma designação usada em Portugal para um tipo semelhante de literatura, que eram livros posto à venda pendurados em barbantes. A tradição do cordel está diretamente ligada à tradição oral de contar histórias.

O cordel consolidou-se no Brasil entre as décadas de 30 a 50, os temas rimados e versificados a princípio eram inspirados na história, nas lendas e nos exemplos de moral. Com o passar do tempo os poetas foram buscar inspiração no seu cotidiano, na realidade contemporânea do Nordeste e do Brasil. O cordel pode ser classificado em duas categorias: Romance com 24, 32, 48 ou 64 páginas que pode ser criação do imaginário do poeta ou retirado de temas e histórias da tradição popular, e Folhetos com 4, 8 ou 16 páginas são pelepas e discursos, folhetos de acontecidos e folhetos de época.

Alguns autores se destacaram dentro da história da literatura de cordel, são eles: Silviano Piruá de Lima (1848-1913) é apontado como o primeiro a rimar as histórias tradicionais, Leandro Gomes de Barros (1865-1918) deu início à impressão sistemática das histórias rimadas em folhetos e João Martins de Athayde, através de algumas inovações na impressão do cordel, consolidou o formato no qual até hoje os folhetos são impressos.

Exatamente por possuir uma temática bastante diversificada e uma métrica rígida, respeitada rigorosamente pelos autores, é que o cordel vem suscitando o interesse de pesquisadores das mais distintas áreas. Esses estudiosos buscam entender pontos ainda não esclarecidos nesta forma de transmissão da sabedoria popular.

## **1.3 A identidade da geração velhice no cordel**

Analisar a construção da identidade da geração velhice, a partir do tratamento direcionado a ela pelos poetas cordelista, contribui para uma percepção mais nítida da influência que os fatores sócio-culturais têm nesta construção.

Para alguns a maturidade é uma fase privilegiada em que as experiências acumuladas ao longo da vida irão pontuar positivamente na construção de novos projetos. Para a maioria, porém percebe-se velho é um desafio, uma luta contra o inevitável, principalmente dentro de um contexto que exalta a juventude. Bosi (1994, p.18), define bem a imagem do velho dentro da nossa sociedade:

Que é, pois ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se degrada à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice que não existe para si, mas para o outro. E este outro é um opressor (...).

As formas de preconceito são as mais variadas, e em muitos casos partem dos próprios velhos, quando estes não aceitam ou não reconhecem os sinais da velhice, sinais que são reconhecidos quase que imediatamente pela sociedade. As condições biológicas e psicológicas também são itens que contribuem para exclusão desta geração do convívio com os demais. O corpo sofre transformações ao longo do tempo, vai perdendo aos poucos o vigor característico da juventude e, por isso aqueles que já atingiram a maturidade, são “excluídos” do mercado de trabalho.

Quando a pessoa não é mais capaz de produzir, trabalhar para uma sociedade que valoriza a capacidade de produção acaba por ser colocada à margem das relações sociais.( CAMPOS 2006, p.30).

Mesmo ainda dispostos e com capacidade para exercer sua função e continuar contribuindo para o desenvolvimento sócio-cultural, os velhos são convidados a retirar-se do convívio social, muitas vezes sob a “desculpa” de que já fizeram a sua parte e precisam descansar. Porém, essa mudança de estilo de vida pode não ser positiva para todos os eles. Alguns encontram outras atividades nas quais passam a empregar seu tempo, outros reagem negativamente e enfrentam quadros depressivos, por não terem mais um convívio efetivo com os outros membros da sociedade em que vivem.

## 2.0 Análise do corpus

Percebemos pelo menos três formas diferenciadas de preconceito em relação aos velhos na literatura de cordel, como podemos observar no quadro abaixo

Tipo de preconceito	Número de folhetos	<i>Autores e obras</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A palavra “velho” como intensificador de outras</li> </ul>	03	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>A seleção de Parreira e a de Satanás (João Perón, SD);</i></li> <li>• <i>As presepadas de Pedro Malazartes (Francisco Sales Arede, SD);</i></li> </ul>

formas de preconceito.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>A negra velha da trouxa montada no bode preto (José Costa Leite, 1969/70)</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Velhicismo Implícito</li> </ul>	06	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Aposentadoria dos velhos (Alberto Porfírio SD):</i></li> <li>• <i>O encontro da velha que vendia tabaco com o matuto que vendia fumo. (Severino Dias Correa, 1974);</i></li> <li>• <i>O exemplo do filho que matou os pais para ficar com a aposentadoria, (José Francisco Borges, 1974);</i></li> <li>• <i>Bode na rua em Gurjão já é festa consagrada. (Roberto Moraes, 2006)</i></li> <li>• <i>Patos terra do calor humano. (Janduhi Dantas, SD)</i></li> <li>• <i>Capitão Virgulino na Matrix. (Astier Basílio, SD)</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Velhicismo explícito</li> </ul>	04	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>A discursão de um velho com um rapaz cabeludo. (Alberto Porfírio da Silva, SD);</i></li> <li>• <i>A aposentadoria dos velhos. (Alberto Porfírio da Silva, SD)</i></li> <li>• <i>O cachorro dos mortos. (Leandro Gomes de Barros, SD)</i></li> <li>• <i>O Brasil Idoso. (Manoel Monteiro, 2005).</i></li> </ul>

Nesta análise parcial constatamos que a presença do velhicismo no cordel é distorcida por outras formas de preconceito, a palavra “velho” muitas vezes é usada para agravar uma caracterização preconceituosa que determinada “personagem” esteja sofrendo como percebemos em *A negra velha da trouxa montada no bode preto*:

Leitores, este folheto  
 não é “Conto da Carocha”  
 reparem bem que a coisa  
 de preta, já ficou rôcha  
 quem não quiser me ajudar  
 no caminho, vai beijar  
 a negra velha da trouxa

(*A negra velha da trouxa montada no bode preto, José Costa Leite, 1969/70*).

Outras vezes percebemos que o poeta, quando usa apenas a palavra “velho” pode até não querer atingir de maneira preconceituosa quem por ela é denominada, mas por essa

possuir uma carga semântica discriminatória, seu emprego é considerado como uma forma de caracterização negativa.

O velho disse para a velha  
você com esse bizaco  
venda o tabaco ligeiro  
pruque ele não é fraco  
só não deixe butá o dedo  
pra remechar no tabaco.

(O encontro da velha que vendia tabaco com o matuto que vendia fumo. Severino Dias Gomes, 1974).

Há versos em que o preconceito é bem claro. São versos onde o poeta deixa evidente o seu desapego com a geração velhice:

Em um trem de passageiro  
de Fortaleza ao Crato  
eu vi uma discussão  
de um velho metido a exato  
com um rapaz ainda jovem  
inteligente e sensato.

(Discursão de um velho com um rapaz cabeludo. Alberto Porfírio da Silva).

### **3.0 Contornando o já-dito**

Os diversos tratamentos voltados para a geração velhice, na literatura de cordel estão imbuídos por uma forma discriminatória de se referir a essas pessoas, que têm sua identidade condicionada a fatores físicos e biológicos que os impedem de viverem plenamente essa fase da vida. Os poetas aproveitam essas condições para intensificar ainda mais o desrespeito e os maus tratos que esses indivíduos sofrem ao atingirem a maturidade.

Como os temas tratados nos folhetos são fruto do imaginário dos poetas e refletem cenas do seu cotidiano. Podemos constatar que o preconceito direcionado aos velhos no cordel é uma reprodução do que acontece na sociedade e não demonstra nenhuma intenção de diminuir, ao contrário, nos parece que como estas atitudes discriminatórias são de recorrência significativa, a sociedade já está acostumada elas.

Todavia, a construção da identidade de qualquer “minoridade” precisa ser respeitada e apoiada pelos demais membros da sociedade, a fim de, propiciar o surgimento de um ambiente favorável as trocas de experiências e valores humanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREDA, Francisco Sales. **As preseçadas de Pedro Malazartes**. snt.

BASÍLIO, Astier. **Capitão Virgulino na matrix**. snt.

BARROS, Leandro Gomes. **O cachorro dos mortos**. snt.

BORGES, José Francisco. **Exemplo do filho que matou os pais para ficar com a aposentadoria**. snt.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. -3. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS, Ana Paula Martins de, **Envelhecimento feminino: “bicho de sete cabeças”?** in \_\_\_\_ Deusivânia V. da Silva Falcão, Cristina M. de Souza Brito (orgs.). **Maturidade e velhice**, v.I: pesquisas e invenções psicológicas (p. 17-35). – São Paulo: Casa do Psicólogo®, 2006.

CORREA, Severino Dias. **O encontro da velha que vendia tabaco com o matuto que vendia fumo**, 1974.

DANTAS, Janduhi. **Patos: terra de calor humano**. snt.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana** – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GIDDENS, A. **A sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros – Bauru, SP: EDUSC, 200, 324p; 21 cm (Coleção Ciências Sociais).

LEITE, José Costa. **A negra velha da trouxa montada no bode prêto**, 1969/70.

MÀSCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice**. – São Paulo: Brasiliense, 2004. – (Coleção Primeiros Passos).

MONTEIRO, Manoel. **O Brasil idoso: um país de cabelos brancos**. 1. ed. – Campina Grande, 2005.

MORAES, Roberto. **Bode na rua em Gurjão já é festa consagrada**. 6. ed. 2006.

PERÒN, João. **A seleção de Parreira e a de Satanás**. snt.

SILVA, Alberto Porfírio da. **Aposentadoria dos velhos**. snt.

SILVA, Alberto Porfírio da. **Discursão de um velho com um rapaz cabeludo**. snt.

SODRÈ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.